

FAZENDA SÃO FRANCISCO DE PAULA DA DOBRADA.

' 29 de AGOSTO DE 1961' .

^{estória}
Singela ~~história~~ da Fazenda São Francisco de Paula da Dobrada, escrita em homenagem ao esforço e dedicação de CARLOS ANATOLIO PINTO ALVES, e em memória de todos aqueles que, com oração e trabalho, desbravaram ^{e tentaram} e cristianizaram os homens da Sesmaria da Dobrada.

Ainda existia carro de boi na zona de Araraquara, e foi por isso que o Promotor Público da Comarca de ~~Araraquara~~ ^{Hammond (CIP)} desceu do trem da Paulista em ~~Hammond~~, tomou um carro de boi e chegou cansado, com mulher e filho, para tomar posse de suas terras em Dobrada.

Tinha ele vinte e oito anos de idade, ela vinte e um, e o filho primogenito mal completará dois anos.

A Sesmaria da Dobrada, no fim do século dezenove, no ano da graça de 1900, estava sendo distribuída aos seus legítimos posseiros.

"Posses" era, até mesmo, o nome de uma localidade e de uma estrada. Dobrada, a pequena povoação já existente, compunha-se de meia dúzia de famílias. Algumas tinham fugido das cidades, afugentadas pela febre amarela, que matava gente como formiga. ^{em 1891} Muitas dessas famílias eram italianas de Veneza, como a Scabello; outras de Itú; mas a maioria era formada de calabreses, que semearam os caminhos com cruses, pois gostavam de brigar com garruchas e ~~as~~ facas como os aventureiros "baianos".

Valdomira Pinto Alves, além de Promotor Público, trabalhava em Araraquara no escritório de advocacia do Dr. João Marcelino Gonsaga.

Por outro lado, seu sogro Carlos Batista de Magalhães estava empreendendo com amigos a construção de uma estrada de ferro que deveria chegar com os trilhos até Cuiabá.

Carlos Magalhães viera da Corte, tinha sido colega de Joaquim Nabuco e de Rodrigues Alves, mas a crise bancária de 1864 arruinara seu pai, Francisco Carlos, figura importante no alto comércio do Rio de Janeiro, e ele se viu obrigado, em plena mocidade, a tornar-se um simples caixeiro - viajante. De tanto andar em lombo de burro, percorrendo fregueses em São Paulo e em Goiás, ficou tuberculoso

e daí em diante, com os cabelos embrenquecidos pela doença resolve somente andar de trem, até a viagem derradeira para a Eternidade.

O genro veio para Dobrada á espera desse trem, que chegou logo, e passou mesmo a passear em suas terras, num lugar chamado "chave", em que hoje se ergue uma estatua em bronze, vinda de Paris em 1926, simbolizando o Senhor Jesus, rei das familias.

Algumas "posses" da Sesmaria da Dobrada ja tinham sido ocupadas por membros da familia de Léoncia de Freitas Magalhães, neta do fundador de São Carlos.

Seu filho, Carlos Léoncio, aos 16 anos de idade já tinha tomado posse das matas virgens, cobertas de perebeiras, cedros, leiteiros, paus d'alho e caneleiras que se estendiam do Tiête ao Mogi Guassú.

Homem inteligente, destemido e irrequieto, um belo dia cismou de restaurar a monarquia, e assim montado num alção ou num pampa, hasteou a bandeira imperial e deu vivas a Pedro III em Santa Ernestina, Dobrada, e adjacências. Como a "Revolução de Ribeirãozinho" ^{gostou} ~~gostou~~, Carlos Leoncio não teve outro remedio senão esconder-se nas matas do Cocuf, até que a sanha do republicanos amainasse.

A tribo dos Freitas, dos Soares e dos Arrudas "quebrapanelas" formada pelos irmãos de Léoncia, tinha-se espraçado pelas terras da Dobrada. Leão Pio de Freitas, o patriarca da Tribo, belo visigodo de olhos azuis e de barba ruiva, era um verdadeiro senhor feudal, façanhundo grilheiro e caçador; os seus discursos á sobremesa deixava perplexa a "italianada" e fazia com que os "patricios" derramassem lágrimas abundantes. Leão Pio de Freitas era muito inclinado as gulodices terrenas: não podia passar sem vinho espumante, leitão assado, e pão de Alcobaca, gostava tanto das coisas terrestres que deu o nome de "Bonança" ao pedaço de terra onde se refugiara nos derradeiros dias de ^{uma} ~~uma~~ vida, ~~totalmente dedicada em~~ ~~seu~~ ~~trabalho~~.

Pelos lados de um correço, debaixo da lombada de espigão, onde nasce um olho de agua denominado Ipi, o elegante Quinzinho de Freitas, com sua formosa esposa vinda de Cuba, instalou o seu "sítio" com os seus cães de caça e seu cafezal.

E o irmão Justino, apelidado de Barão, ou Barãozinho, este nunca esquentou lugar, pois era piador de macuco comedor de gabirola. Essa especie de gente não aprecia ar ^{com} ~~com~~

nado, prefere campo aberto, com gravatá, cajú e codorna, sem avistar nenhum vizinho amolando apaciencia.

Mais tarde, a presença de Franco Clemente Pinto, descendente dos viscondes ^{ou} dos ^{brasões} de Nova Friburgo, veio trazer alguns traços de cultura aristocrática a região de Dobrada.

Foi ele quem ensinou o pessoal a andar de carro com molejo inglês, a usar guarda sol e guarda-pó, e a comer espargo com manteiga ^{de} ~~erretida~~ ^{café} e algumas gotas de vinagre frances. Valdomiro acostumou-se logo com aquela tribo de sertanejos. Antonio Alves, seu pai, homem de fino trato, tomará parte na história "Convenção de Itã", e embora lavrador empobrecido, deixara a fazenda Água Branca em Porto Felis, e viera morar em São Paulo, alguns anos antes da Proclamação da República, com sua mulher, e nove filhos na Ladeira do Seminário, na ~~rua~~ Paroquia de Santa Efigênia.

Valdomiro resolvera dar ~~o~~ duro. E deu duro mesmo. O Vespasiano e o Amador Rosa, ensinaram-lhe a lidar com ferramentas. Tornou-se assim um exímio carpinteiro.

Era tacho para pregar um prego; aplinar taboas, serrar toras, de madeiras de lei, abrir buracos com puas, montar esquadrias, calcular mãos-de-ajuda, aprumar estacas de cercas, postes e mastros.

Ninguém como ele dava uma última demão em todas as espécies de obras de ~~talha~~ ^{manuais}. Era um "curioso", com a mesma facilidade que decifrava "charadas", "logogrifos" e "enigmas pitorescos" dos almanaques, riscava no papel planos de melhoramentos e de novas construções, e resolvia problemas de geometria e de mecânica.

Talvez tivesse nascido com vocação para a engenharia mas as circunstâncias da vida fizeram dele um bacharel, um agricultor, e por fim um industrial de tecidos de juta.

Sua esposa Maria Dulce, mais conhecida por Nicota, era dotada de prendas domésticas. Bordava muito bem; conhecia todos os pontos de tricô e do orcheê, e ninguém a igualava no corte e costura.

Pertencia a uma estirpe de donas - de casa e quituteiras. A avó Ana de Arruda Freitas, filha do fundador de São Carlos, era famosa pela suas tachadas de goiabada, e mestra insuperável na arte de ^{amassar} ~~amassar~~, fermentar e emformar pão, biscoitos, rosquinhas e sequinhos. Há muita gente neste interior que ainda se delicia com as receitas caseiras

de Donaninha e de Dona Iôncina .

No começo deste século, Valdomiro como bom paulista, só sonhava em plantar café . Eram intermináveis as controversias á respeito da semente do café.

Uns preferiam o Bourbon de Guataparé , outro o Maragogipe, ou então o ~~carrelo~~ ^{amarelo} de Botucatu.

A adubação , mais tarde, foi também assunto muito discutido. Valdomiro escutava, sorria , mas somente se decidia depois de ler muito , observar fatos e ouvir os entendidos . Tornou-se assim o fazendeiro mais adiantado do município.

Teve que formar a sua lavoura pelo sistema habitual: derrubadas e queimadas as matas , ajuntavam-se as coivaras abriam-se as covas e os grãos de café eram semeados.

Para evitar os ardores do sol, as covas eram recobertas com lascas de madeira, e pareciam arapucas.

As sementes brotavam logo, e quando as plantinhas viravam "orelha de onça" as mais fracas eram arrancadas, e somente ficavam quatro ou cinco das mais ríspas.

Em geral o café era plantado de empreitada e demorava tres ou quatro anos para dar. Os carreiros eram então semeados de milho, arroz e feijão em todas as direções.

Por isso o feijão com polenta , ou com angú de fubá mimoso, tornou-se o prato de todo o dia. Pão de trigo só aos domingos, pois era preciso esquentar o forno de barro preparar o fermento, amassar bem a pasta , deixa-la crescer e descansar, e tudo isto dava muito trabalho.

Quando o milho soltava o pendão , os macacos já estavam á espreita para participarem depois da parte que lhes era ~~devida~~ ^{devida}.

O s pomares eram invadidos por sanhaços, saíras, perequitos e tuins; enquanto pintasilgos e coleirinhas se alegravam com as hortaliças e com as sementes dos capinzais.

Durante o dia , o canto- chão da "fogo apagou" disputava o silencio com o pipilar do "sem - fim".

O tico tico de cabeça vermelha era o rei da passarinhada.

À noite o curiango vigiava as estradas , e as vezes nas cercanias da casa de morada, uma coruja vadia anunciava desgraças com o grito estridente e melancolico.

Os sacis ^{frequentemente} ~~frequentemente~~ , se divertiam embaraçando a crina e a cauda dos animais , e as sexta-feiras, as mula-sem-cabeça, assustavam junto das porteiras os que chegavam tarde das compras na Dobrada.

Depois do sol cair, ninguém atravessava mata, por causa das almas do outro mundo de "coisa ruim" que se escondia na escuridão.

Valdomiro cuidou logo de construir moradia assobalhada com forro de madeira e agua encanada. A agua era pouca na fazenda. As nascentes ficavam distantes. Os correços e - cassos. Foi preciso ^{escavar} ~~abrir~~ um extensa "mina" para a agua ser encontrada.

A primeira casa que o acolhera, embora de tijolos, tinha chão de terra batida, eo telhado sem forro a enchia de pó. Ele mesmo fez o risco da construção, imitando um pouco a residencia de Nhô-nhô Magalhães na fazenda Santa Ernestina.

Mal começaram a chegar os tijolos da olaria do Sapim fino, e o pomar já estava sendo plantado, Mangueiras, abieiros, sapotizeiros, caramboleiras, vieram todas de "mudas" da Chacara da rua Um" em Araraquara.

Carlos Baptista de Magalhães, filho de português originario do Minho, tinha grande inclinação por arvores de frutas, plantas ornamentais e ervas-de-cheiros, ganhou premios com suas ~~xxxx~~ uvas europeias; ^{80%} seu roseiral e sua estufa de begônias se ^{foram} ~~foram~~ famosas.

O loiro Constante, polones emigrado, ex-jardineiro dos jardins imperiais de São Petesburgo, era incedível na arte da enxertia, e nunca perdeu o transplante de uma arvore.

Em 1903 ao nascer José, o varão caçula da familia Pinto Alves, Valdomiro já estava morando em casa avarandada iluminada a gaz acetileno.

O café, o café beneficiado e bem separado em maquina Arens; o pobre café que deixara de ser "chumbinho" para se tornar "chato", "chatinho", "moka", "mundo", e "escolha", este coitado! continuava sempre em crise. Ora baixava, ora subia.

O Convênio de Taubaté em 1906 não bastou para que Valdomiro saldasse as suas dividas com um usurario de Rio Claro, que lhe cobrava juros de 24% ao ano. E vida continuava na mesma. A abertura era grande; o "miseré" generalizado. Foi preciso economizar até palito de fosforo "Johnkopings". Manteiga de Magny, só para dar gosto no pão; e do queijo do Reino as crianças só comiam a casca porque a massa saborosa "tirava a memoria.

Para remediar a situação, Valdomiro voltou a advogar. Num cavalo trotão, com uma maleta preta no colo, ia

muita vezes a Ribeirãozinho para passar uma escritura e ganhar cinco mil reis.

Aprendeu em menino a enfrentar a vida, acéitendo qualquer officio ou trabalho. Bem cedo, com a mudança para São Paulo teve a coragem de ser tipografo no "Diario Popular", depois estudou no Seminario a custa da roupa que a mãe lavava para um colegio da Rua Timbiras.

"O menino é pai do homem". Toda a longa vida de Valdomiro não foi senão, uma volta a infancia; á fé do batismo, ao amor pelo trabalho, ao respeito pela pobreza, á fidelidade á imagem do primeiro rosto amado, Valdomiro nunca se deixou envolver na engrenagem do mito existencial que quiseram criar para ele.

Sempre conservou na velhice as atitudes de um amigo e os gestos cordiais e francos de um lavrador de terra branca.

A vida continuava na Fazenda São Francisco. Os beija-flores esvoaçando entre as madresilvas e as trepadeiras de São João. As coruiras pulando nas varandas; as andorinhas se aninhando nos telhados, e os passaros pretos fazendo re-treta no bambuzal.

A lua-cheia não deixava de aparecer cada mês como um disco-voador no horizonte da chave. O cruceiro do Sul, e as Tres Marias, despertavam a Esperanga bem enfrente da casa.

À tarde ia-se passear de bôte e pescar bagre no açude.

O terço era puxado cada noite por Valdomira diante do oratorio, Imagens do Coração de Jesus, de Nossa Senhora das Dores e de São José, lembravam a unidade da Família de Nasaré, Missa, somente quando algum padre italiano passava pela fazenda para vender colirio para dor-d'olhos dos colonos.

Quando relampagos, ventanias e trovoadas anunciavam tempestades, Nicota entoava o "Magnificat" e Jesus que dormia na barca, acordava, e tudo se acalmava. Muita gente morria, e muita perobeira ficava esgalhada e chamuscada pela faisca dos raios.

A enxurrada desbarrancava as estradas, arrastava o café, e chegava as vezes a arrebentar o açude.

Havia gente que se gabava de ter sido levada para longe por remoinho e pé-de-vento

As doenças eram poucas, mas constantes; Maleita dava até em paí de cerca, Amarelão, tracoma, tétano,

da doce vida.

picada de cobra venenosa; convulsões de crianças; mordida de cachorro bravo; canumba que formava papo; bicho-de pé; frieira; dor no peito de cuspir sangue; todas essas ~~ma~~ ^{ma} ~~je~~ ^{je} ~~las~~ ^{las} eram quem nem tiritica no cafezal : arrancava-se a imundície, e a batatinha brotava de novo.

A gatinha vivia "morre não morre", mas acabava vindo, como pé de café atingido por geada fraca, ou por chuva de pedra levada pelo vento.

O sino tocava de madrugada, e a seisa da manhã todo o mundo estava de pé.

Os camatadas partiam para o eito , e os colonos, com a enxada no ombro , iam passar o dia capinando o café.

Quando o trabalho cessava, mal se acendiam as luzes das salas, esquadrihas de besouros suicidas se atiravam contra as vidraças, como se fossem astronautas. Acabavam devorados por sapos silenciosos; mas durante noites a fié continuava a ofensiva dos coleópteros.

Serelepes eram raros , como eram raros os cachorros de mato, as rapôças e os gambás; Estes , acabavam morrendo de bêbedos quando encontravam pinga no fôrro dos telhados .

O nome de São Francisco de Paula foi dado a fazenda, provavelmente por sugestão de Primo Juca, sogro de Nhô-nhô Magalhães, que trouxe de presente do Rio para Valdomiro um imagem do Santo. ~~xxxxxxx~~ A paróquia da Dobrada, muito mais tarde , aceitou o mesmo orago para derámir de uma contenda.

Alguns preferiam São Tiago, outros Santo Antonio, afinal optaram pelo "minimo" da Calabria, e Valdomiro ajudou a construir a igreja.

D 1900 a 1911, Valdomiro suou e sofreu na fazenda. Um belo dia o café deu uma alta . O cafezal estava em plena produção, a florada tinha sido magnifica ; a libra-oiro estava muito muito barata, e então Valdomiro que a conselho de Pio Lourenço, já estava usando ^{elétrica} ~~elétrica~~ por causa da neurastenia, resolveu viajar.

Alugou uma casa em São Paulo na rua Aurora 45. A paróquia de Santa Efigenia tinha sido sempre o abrigo da tribo dos Alves e dos Perêaras de Almeida.

Instalado na imandade, Valdomiro comprou logo um terreno nos Campos Eliseos, na esquina de Nothmann. O arquiteto Carlos Bokman encarregou-se de construir-lhe um residencia confortavel e moderna, com os quartos de dormir ~~xxxx~~ dando para o norte.

Além disso, Valdomiro exigiu amplo Hall envidraçado;

* O administrador Firavante Petri, e sua esposa Brígida, eram de inteira confiança,

porão habitavel, e garagem para automovel.

Ainda em 1911 perdera a mãe, e sentia-se muito triste em abril de 1912 Valdomiro aninhou a mulher os cinco filhos e mais a preta Carolina, no "Amazon" e singrou o atlântico a caminho de Paris,

Com a viagem a Europa encerrou-se a primeira parte da singela história da fazenda São Francisco de Paula da Dobrada. *Outros imprevistos*

Outros iriam começar: alguns alegres, outros melancolicos, outros enfadonhos.

É melhor terminar como nos ~~mas~~ contos de fadas; acabou-se a ^{estória} história, morreu o Vitório, entrou por uma porta e saiu por outra. E quem quiser que conte outra.

Fazenda de São Francisco de Paula da Dobrada.
na festa de Santa Rosa de Lima, no dia
30 de agosto de 1961

Carlos Pinto Alves

CARLOS PINTO ALVES.

X X X X X X

X X X X X X X

.....
Esta singela ^{estória} história da Fazenda São Francisco de Paula da Dobrada é dedicada à memória de todos aqueles que, com oração, e sofrimento, inteligência e trabalho, procuraram cristianizar e humanizar a "Semaria da Dobrada"

Carlos Pinto Alves
Carlos Pinto Alves

xxx

xxxxxxxx

" Summe annorum nostrorum sunt septuaginta anni et, si validi sumus, octoginta (.....) Numerare nos doce dies nostros, et perveniamus ad sapientia cordis (....) Opus manuum nostrarum secunda nobis, et opus manuum nostrarum secunda"

"(Ps. 89, v. 10, 12, 17.)

X

X X

Datilografada por Maria de Lourdes Scabello
na Escola de Datilografia e Dobrada.

Agosto de 1961 - Santa Rosa de Lima.

Legenda de Scabello